

## GASTEI 63 MIL TUNANDO UM CORSA



As melhores escolas públicas para buscar a criançada (de Corsa). Acompanha um guia definitivo da gasolina adulterada.

## MEU CARRO, MINHA HORTA

Conheça o primeiro veículo movido a hortaliças e *low carb*. Montadora propõe jejum intermitente.



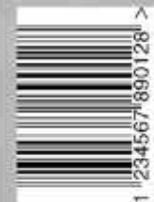
# RELEVO

**EXCLUSIVO**



## 10 CARROS PRA METER PAU NA AREIA DA PRAIA

Conversamos com os maiores especialistas em aventuras nas areias do litoral brasileiro. Descubra os melhores bares de narguilé de Matinhos (PR) na companhia de nossos pilotos de areia.



### “ATROPELEI, MAS COM CONSENTIMENTO”

Entrevista exclusiva com Serginho Diniz. Detalhes do atropelamento do jogador de dominó mais famoso da Praça John Lennon.

### INSTITUTO AYRTON XÊPA

Instituto Ayrton Xêpa divulga mascote Xepinha com música-tema do DJ Alok.

### POKÉMON? NO!

Descubra os 8 jeitos mais seguros de pegar o carro dos seus pais sem perder a mesada.

### RACHA - CUCA

Conheça a primeira oficina literária para carros rebaixados. Poesia urbana é cavalo-de-pau.



Rua Marie Roxane Charvet, 283,  
Fazenda Velha  
ARAUCÁRIA-PR  
www.jornalrelevo.com  
contato@jornalrelevo.com

## COMUNICADO DE TOTAL RECALL

Curitiba/PR  
02.02.2020

O **Jornal Relevo** convoca os consumidores do JORNAL RELEVO, edição 129, de fevereiro de 2020, adquirido em pontos de drogadição & remorso de todo o BRASIL, embalado em 30.01.2020, que estejam em posse de seu exemplar e ainda não o tenham usado para higiene pessoal ou de seus animais domésticos, a entrar em contato pelo e-mail <contato@jornalrelevo.com> para ressarcimento psicológico pela aquisição do produto.

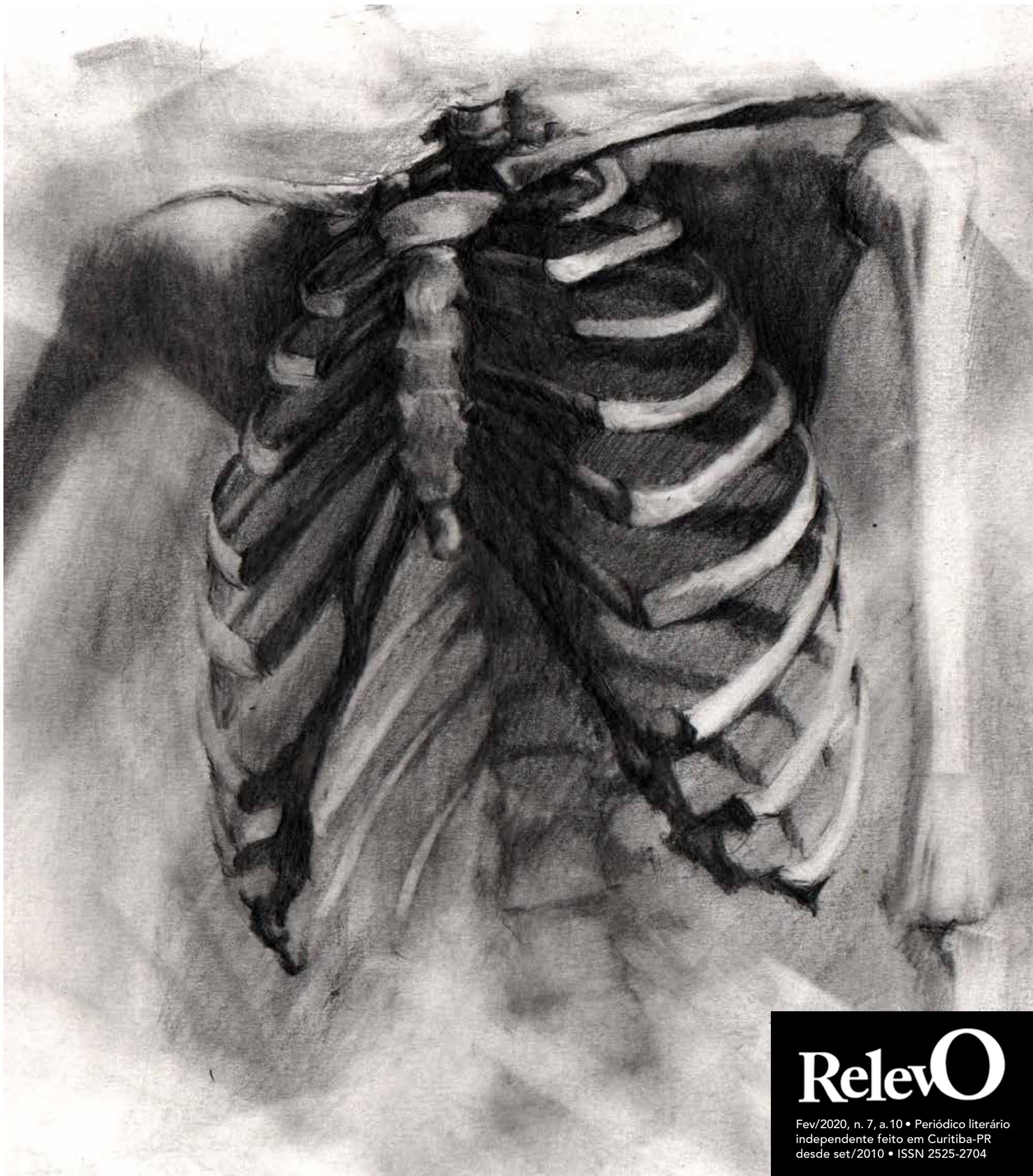
Informamos que, por motivo de falha no processo manual de empacotamento, houve uma troca severa de identidade por parte do EDITOR e da EQUIPE. Em razão de um implante de memória coletivo malsucedido, o **Jornal Relevo** acreditou ser uma revista automobilística. Ao contrário, como é notório, um jornal de literatura não teria dinheiro ou crédito para comprar qualquer veículo produzido depois dos anos 2000.

Destacamos que o produto embalado erroneamente não traz qualquer prejuízo à saúde do consumidor, ao contrário do convívio diário com pessoas "da cena literária". Os efeitos foram amenizados a tempo, contaminando apenas 1/6 da edição. Demais problemas dos consumidores, como assinar um periódico de literatura ou acreditar que arte é mais importante que o trânsito, não estão dentro da cobertura do recall, o qual, esclarecemos, não estornará nenhum valor financeiro (ou objetivo como um todo).

Para resguardar a segurança e a satisfação de seus consumidores, o **Jornal Relevo** adota esta medida cautelar, tutelar e Huntelaar, destacando a importância do pronto atendimento a esta convocação.

Este anúncio também estará disponível em nossa página <instagram.com/jornalrelevo>.

Atenciosamente,  
**Jornal Relevo**



**RelevO**

Fev/2020, n. 7, a.10 • Periódico literário  
independente feito em Curitiba-PR  
desde set/2010 • ISSN 2525-2704

## ASSINE/ANUNCIE:

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

## PUBLIQUE:

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique) ou pelo

[contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

As ilustrações desta edição são de autoria de Gilberto Marques. Você pode conferir mais do trabalho dele em [casacolaborativa.com.br](http://casacolaborativa.com.br).

## FEVEREIRO DE 2020

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Morgana Rech

Revisão: Ramiro Canetta  
Editora de arte: Iara Amaral  
Gran Turismo 2: André Delavigne  
Logística: Thaís Alessandra Tavares  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 30/01/2020.

## Disso de dinheiro

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 120 Marina Domingues; Rodrigo Sena; R\$ 100 João Paulo Hergesel; João Balbinot; Edson Godinho; Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro & Juliana Pães; Zaclis Veiga; Rafael Estorilio; Lucas Kotovicz; R\$ 97 Ana Luísa Nepomuceno; R\$ 80 Camila Passatuto; R\$ 75 Artur Ribeiro Cruz; Nelson Sabbagh; R\$ 70 Thomaz Ramalho; R\$ 60 André Tezza; Lucas Leite; Whisner Fraga; Anderson Henrique Gonçalves; Willian Delarte; Sharon Caleffi; Getulio Xavier; Letícia Copatti Dogenski; Felipe Gollnick; Rosana Cuba; Biel Valente; Luiz Arthur Montes Ribeiro; Adriano Lobão Aragão; Fábio Gardenal Inácio; Júnior Bellé; Hertz Wendel Camargo; Tiago Ferrari; Wilson Guanais; Alisson Caetano; Sandro Dalpícolo; Bianca Aparecida Tech Santos; Severo Brudzinski; Maurício Simionatto; Gabriel Lima; Rafael Zaina Gonsalves; Lucas Perito; Viegas Fernandes da Costa; Alanna Ajzentel; Fernanda Cercal Odppes; R\$ 55 Cid Brasil; R\$ 53 Isadora Padilha De Moraes Portela Wolff; Lorena Pereira Paz; R\$ 50 Helio Mello Vianna Junior; Leopoldo Pedro Neto; Ayrila Mesquita; Gilberto Marques; Carol Miag; Leonardo Souza; Bielli Araujo; Tamiris Tinti Volcean; Ben-Hur Demeneck; Luiz Guilherme Xavier; Fernanda Taveiro Quintão; Renisse Ordine; Thabata Pinheiro da Silva; Mariana Ronchetti; Andrezza Schilling; Fábio Alexandre Mendonça; Fernando J M Pimenta; Andrey Alves; Gustavot Diaz; Ana Justi; Cel Bentin; Suelen Giordani; Sandra Godinho Gonçalves; Cleber Roberto; Rogério Torreão; Crislaine; Medeiros; Enio Vermelho Jr.; Matheus Toni; Arzório Cardoso; Ana Luiza Memória; Bernardo Fantini; Cinthia Kriemler;

Leonardo Migdaleski; Adrieli Silva Santos; R\$ 47 Camila Asato; Ivan Jesus Junior; Gabrielli Araújo; R\$ 25 Jaqueline Stigar  
**TOTAL: R\$ 5.101**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 200 William Soares; Casa Projetos Literários; R\$ 100 Editora Penalux; Gato Preto Livros & Discos; R\$ 50 Livraria Joaquim; Fisk; Kikos Bar; R\$ 30 Sebo Edipoeira; O Alienígena  
**TOTAL: R\$ 810**

#### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.400  
Escritório: R\$ 245  
Entregadora: R\$ 50  
Capista: R\$ 50  
Embaladora: R\$ 50  
Editor-executivo: R\$ 1.000  
Editor-assistente: R\$ 100  
Mídias sociais: R\$ 380  
Diagramação: R\$ 100

#### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 300  
Embalagem: R\$ 80  
Correios: R\$ 1986  
Celular: R\$ 200

#### (-) DESPESAS

##### ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25  
(+) Entradas totais: R\$ 5.911  
(-) Saídas totais: R\$ 6.036  
(=) Resultado operacional: – **R\$ 125**

## Conselho Editorial

ALEXANDRE GUARNIERI  
BEN-HUR DEMENECK  
BRUNO MEIRINHO  
CARLA DIAS  
CELSO MARTINI  
CEZAR TRIDAPALLI  
ENILDA PACHECO  
FELIPE HARMATA  
GISELE BARÃO  
JACQUELINE CARTERI  
OSNY TAVARES  
WHISNER FRAGA

## Dos leitores

### PRESTA ATENÇÃO, EDITOR

**Edson Braz da Silva** Solidariedade total e irrestrita à escritora Roza Lima Romano. Intervenções em textos sem o conhecimento e consentimento do autor/a é inconcebível e imperdoável. Já aconteceu comigo e fiquei irado. Confesso que não fui tão educado e condescendente quanto ela. Mais um motivo para me solidarizar com ela nesta situação. Penso que o maior erro foi não ter comunicado à autora as alterações. Poderia até excluir a publicação do texto, caso ela não concordasse com as intervenções, o que seria mais honesto. Quanto ao trabalho, é muito bom, e mereceu ser publicado.

**Kátia Nascimento** Li hoje sobre o conto da Roza Lima Romano com as observações do editor. Achei bem bacana o posicionamento do jornal.

**Rojefferson Moraes** Diante de mais uma temporada de desemprego, incertezas, fisioterapias e filas do INSS, a única coisa que me conforta é que ainda consigo ler meu nome nas páginas do jornal **RelevO**.

**Jordana Machado** Ontem, quando li o email perguntando se o jornal havia chegado, ainda não tinha recebido, mas chegando em casa, minhas pernas deram aquela amolecida diante da caixa do correio. Que presente incrível significa pra mim. E me julgue quem quiser, mas que delícia segurar um papel com seu nome escrito, menos boleto e multa, porque né. Sabe que lá em casa a noite foi uma lindêza? Foi. Com ares de premiação, e minha mãe perguntando e respondendo, sabe quem come pizza numa segunda-feira? Só quem publica, gente. O sorriso também apareceu quando vi que a Natália Nodari tava na mesma mesa de bar.

# Editorial

Começo de ano é sempre a perspectiva de novos rumos e de novas metas. Para o **RelevO**, periódico que inicia suas temporadas em setembro, os primeiros três meses do ano sempre são mais difíceis em virtude de um certo espírito de austeridade combinado com excessos de gastos de fim do ano anterior. As assinaturas se renovam menos e é mais difícil captar novos assinantes. Muitos anunciantes também entendem os dois primeiros meses do ano como um período de planejamento e contenção

Afora as questões econômicas, por ora, algumas novidades: nosso periódico está com projeto gráfico novo, vida & obra

de Iara Amaral. Pretendemos, em 2020, investir mais em produções da nossa redação e publicar textos que julgamos realmente avassaladores, prezando por um projeto gráfico que privilegie o texto. Não significa que publicamos, ao longo de quase dez anos, textos negativados. Acontece que, gradualmente, tem aumentado o número de envios de textos para análise do nosso conselho editorial. Se isso é bom pelo aspecto da representatividade do periódico em seu meio de atuação, também nos obriga a sermos mais rigorosos com os textos que irão para a impressão de agora em diante.

Fevereiro de 2020 também marca a

estreia da escritora, editora e psicanalista Morgana Rech como ombudsman do **RelevO**. Seu período de atuação irá de três a nove meses, de acordo com o interesse e a disponibilidade dela. Seguimos, ao lado da *Folha de S. Paulo* e de *O Povo*, de Fortaleza, como um dos três periódicos impressos a contar com o cargo no Brasil.

E quais são as nossas metas para 2020, então?

1. Chegar a 1500 assinantes. Hoje, temos 1070.
2. Chegar a 700 pontos de distribuição. Atualmente, são 480.
3. Chegar a 200 bibliotecas, bem mais

do que as 120 que recebem o jornal regularmente.

4. Remunerar todos os autores publicados em nossas páginas. Excetuando o capista da edição, que recebe a suntuosa quantia de R\$ 60 reais, todos entregam seus textos ao nosso papel sem receber nada por isso. Não nos parece adequado.

5. Sobreviver financeiramente.

Temos velhos vícios e cometemos erros sintomáticos. Apesar disso, queremos aprimorar processos, crescer sem nos tornarmos impessoais e seguir na direção de um jornal agradável de ler, com um certo humor a tiracolo.

Uma boa leitura a todos.

Acompanho o trampo dela há um tempo. Só pancada as daquela ali. Encontrei vocês no labirinto chamado internet e gostei muito demais do que vi, então tive o descaramento de mandar material, e agora tenho o encantamento. Quero agradecer a publicação e saudar fortemente a iniciativa, os caminhos literários de vocês e a empreitada [e quando se trata de literatura e Brasil-il-il, a coisa pode figurar muitas das vezes como emboscada com ares de beco sem saída]. Por aqui, vou ficar de olho aberto. E coração também. No que eu for útil, tô sempre por aí. Vida longa às pessoas [algumas] e às palavras escritas [algumas]. Forte abraço.

**Henrique Jr.** No meu futuro utópico nós voltaremos para as cavernas. Vislumbrei um pouco dele nas imagens de Filipe Brito pro **RelevO** de dezembro: a cidade com seus arranha-céus e respectivas antenas emoldurando uma larga avenida com muitos carros e poucas árvores, na capa; essa mesma cidade, um subúrbio dela, no meu futuro (sem humanos) sendo reengolida pela mata, na contracapa. Se essa edição não tivesse mais nenhuma boa leitura além dessa, já teria valido. Mas teve mais. Os contos “Selma”, “Alice” e “Aurora” (coincidência?), e “Doutores da Alegria” e “Golfinho” (quem escreveu?) valeram bem os minutos dedicados a sua leitura e reflexão. Um desavisado elogiaria serem todos de autoras, mas os textos podiam ser ruins, e aí essa ênfase voltaria-se para um “deselogio”. Não caio nessa.

## CHARME CHULO

**Rudimar Vasconcelos** Peguei o jornal... Então... Achei a ideia bem bacana, vocês têm senso de humor (confesso que em um primeiro momento eu também fiz a confusão achando que era o *Rascunho*, achei bacana a piada sobre isso). Mas, no geral, o jornal não me chamou muito a atenção, me incomodei um pouco com o modo um pouquinho chulo de falar. Então acho que não vou fazer a assinatura.

**Cláudia de Souza** Querides, boa noite. Sei que as coisas se são muitas e como dizemos aqui no semiárido: tenho um bucado de trem pra fazer! Mas esse comunicado é para dizer que tenho recebido meus jornais atrasados. Vou explicar: faltou um que veio só no mês seguinte e agora sempre que vem um falta o outro. Meio confuso, né? Ainda não recebi dezembro e lá se vai indo janeiro, seria possível mandar os dois? Não me levem a mal, entendo suas demandas e torço sempre para que o jornal cresça e apareça porque o mundo merece uma coisa linda dessas. Mas achei válido comunicar para manter meu estômago ansioso a salvo das esperas.

**Da redação:** *Cláudia, dezembro e janeiro sempre são meses de estafa da logística dos Correios. É pro serviço normalizar a partir de fevereiro. Um abraço das araucárias!*

**Paulo Ricck** Gosto bastante dessas capas mais "clean". E sou a favor de um reajuste no preço da assinatura do jornal! Creio que

até uns R\$ 70 não vai onerar ninguém e ainda ajudaria o **RelevO** a equilibrar sua situação por algum período. Abram um post de votação para podermos ter a noção de quantas pessoas estariam dispostas a concordar com um possível reajuste.

**André Siqueira** Adorei o **RelevO** de dezembro. Poderia tecer vários elogios aqui... Parabéns e que venha 2020.

**Fernanda Dante** Que 2020 seja menos ingrato com quem trabalha de forma ética, séria e bem-humorada...

**Idianara Lira** Acabou de chegar o exemplar de janeiro. Apesar de adorar as novas tecnologias que facilitam nossa rotina e auxiliam no hábito da leitura, sou admiradora também de materiais literários de qualidade e com conteúdo diversificado, características que encontrei no **RelevO**. O valor baixo da assinatura anual contrasta com a grandiosidade de conteúdo do jornal e com a persistência em manter a circulação de tão valioso material gráfico. Eu indico!

**Enilda Pacheco** Semana passada o **RelevO** foi para Recife. Ofereci a uns clientes que vieram na minha livraria, aqui em Guarapuava.

**Jonas Santos** Nunca entendo direito a numeração das edições do **RelevO**. Quantos números o jornal já teve?

**Da redação:** *Todos.*

## OMBUDSMAN NOVA

**Caíque Santana** Ufa! Ainda bem que vai acabar os desenhinhos.

**Selma Jardim** Melhor dizendo, a nova ombudswoman!

## FORMOL

**Amanda Coelho** Não sei vocês, mas eu nunca tive tanto contato com jornais impressos, creio que isso seja consequência da era digital em que vivemos e, apesar de amar a internet, amo a sensação que os livros e registros físicos podem nos proporcionar; o toque, o cheiro e a oportunidade de colecionar e guardar por anos me encantam... e foi assim que me senti quando recebi as edições do **RelevO** em minha casinha. De início, pensei ser um jornal super formal, mas ele mostra cultura e literatura de um jeito inteligente, crítico, mas também irônico e engraçado, não deixando de ser de sensível em seus poemas, contos, artes e fotografias.

## FORRO

**João Alexandre** Minha crônica "Carol Castro e a falência da Saraiva" foi publicada na edição de janeiro do **RelevO**. Como a crônica fala justamente sobre a decadência da mídia impressa, é gratificante vê-la impressa em um periódico mensal. Para se tornar assinante do **RelevO** entre em contato com o jornal e receba o jornal pela bagatela de R\$ 50 ao ano. Na pior das hipóteses, você ganha um forro para o seu cachorro cagar em cima.

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

<b>Pará</b>	<p>Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer</p>
<b>Belém</b>	
<b>Ananindeua</b>	Biblioteca Comunitária Moara
<b>Maranhão</b>	<p>Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello</p>
<b>São Luis</b>	<p>Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina</p>
<b>Ceará</b>	<p>Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camba de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura</p>
<b>S. G. do Amarante</b>	Biblioteca Comunitária Literateca
<b>Pernambuco</b>	<p>Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma</p>
<b>Recife</b>	
<b>Jaboatão dos Guararapes</b>	Biblioteca Comunitária do Peró
<b>Oitinda</b>	<p>Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei</p>
<b>Bahia</b>	<p>Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Ítalo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade</p>
<b>Minas Gerais</b>	
<b>Belo Horizonte</b>	<p>Biblioteca Comunitária Livro Aberto Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro</p>
<b>Betim</b>	
<b>Sta. Luzia</b>	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
<b>Sabará</b>	Borrachaloteca
<b>Rio de Janeiro</b>	<p>Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Etas José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo</p>
<b>Duque de Caxias</b>	<p>Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balão de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy</p>
<b>Nova Iguaçu</b>	<p>Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues</p>
<b>Paraty</b>	<p>Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda</p>
<b>São Paulo</b>	
<b>São Paulo</b>	<p>Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis</p>
<b>Guarulhos</b>	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
<b>Mauá</b>	<p>Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL</p>
<b>Rio Grande do Sul</b>	<p>Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Choccolatoão Biblioteca Comunitária Círculo Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal</p>
<b>Porto Alegre</b>	
<b>Dist. Federal</b>	
<b>Brasília</b>	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

### QUER DISTRIBUIR O RELEVO?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

## Onde posso encontrar um Jornal Relevo para esboçar um sorriso enquanto leio?

### ACRE

**Rio Branco** Livraria N&S / Livraria Paim

### ALAGOAS

**Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira

### AMAZONAS

#### Manaus

**Kalena** Café  
O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

### BAHIA

#### Salvador

Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara)

#### Lauro de Freitas

Livraria Dom Casmurro

#### Vitória da Conquista

Livraria LDM

### CEARÁ

**Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Siara

### DISTRITO FEDERAL

#### Brasília

Barca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho

Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicelli

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT

Jovem de Expressão

### ESPÍRITO SANTO

#### Vitória

Torre de Papel / Dom Quixote Livraria

A Cafeteria

Guarapari

Banca da Lua

São Mateus

Livraria Sebo & Arte

### GOIÁS

#### Goianópolis

Evoê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

Café Carino

Anápolis

Café S/A

### MARANHÃO

São Luis Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

### MATO GROSSO

#### Cuiabá

Bazar do Livro Matriz

Metade Cheio

### MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande Livraria Le Parole

### MINAS GERAIS

**Belo Horizonte**

Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu

Café do Palácio / Café 104

Espaço Guaja

Itajubá

Lume Livraria / Sebo Bis

Pouso Alegre

Sebo São Darwin

### PARÁ

#### Belém

Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto

Santarém

BPP Sebo & Locadora

### PARAÍBA

#### João Pessoa

A Budega Arte Café

Viveiro Pirata / Quintal Armarial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna

Cajazeiras

Livraria Universitária CZ

### PARANÁ

#### Curitiba

Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Yertov

Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mibre / Café Libeira / Café do Gigante / Chelsea Café / Café do MON / Magnolia Café / Panificadora Quintessência / Provenço Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kaness / Fingen Café / Moto Racer Café

O Torço Bar / Tuboleta / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

### APUCARANA

SESC Apucarana

### ARAUCÁRIA

Banca da Aracy

Duetto Café

Casa Eliseu Voronkoff / FISK

### CAIOBÁ

SESC Caioabá

### CAMPO LARGO

Barba Camisetas / Inspirarte

### CORNÉLIO PROCÓPIO

SESC Cornélio Procópio

### FOZ DO IGUAÇU

SESC Foz do Iguaçu

### FRANCISCO BELTRÃO

SESC Francisco Beltrão

### GUARAPUAVA

Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

SESC Guarapuava

### IVAIPORÁ

SESC Ivaiporá

### JACAREZINHO

SESC Jacarezinho

### LAPA

Livraria & Papelaria Nanise

Panificadora Zeni

### LONDRINA

Livraria da Silvia / Nosso Sebo

SESC Londrina (Cadeião e Centro)

### MARINGÁ

Café Literário

### MEDIANEIRA

SESC Medianeira

### PATO BRANCO

Alexandria Livraria e Cafeteria

SESC Pato Branco

### PIRAQUARA

Livrarias Nobre Cultura

### PONTA GROSSA

Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

### SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Sebo da Visconde

### SÃO MATEUS DO SUL

Vitória & Cia

### UMUARAMA

SESC Umuarama

### PERNAMBUCO

Recife

Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fica

Clandestino Café / Borsoli Café Clube - PINA / Borsoli Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

### GARANHUNS

Livraria Casa Café

### OLINDA

Sebo Casa Azul

### SALGUEIRO

Capabelta Sebo

### PIAUI

Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar

### RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Books Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Borinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André

Café Pingado

Espaço Saracura / Cine Jóia

### CAPO FRIO

Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

### MESQUITA

Sebolinha Livros e Revistas

### NOVA FRIBURGO

Sabor de Leitura

### PARATY

Livraria de Paraty

Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

### PETRÓPOLIS

Livraria e Bistrô de Itaipava

### SEROPÉDICA

Canto Geral Livros e Discos

### TRÊS RIOS

Livraria Favorita

### RIO GRANDE DO NORTE

Sebo Café

### MOSSORÓ

Resebo

### PRAIÁ DA PIPIA

Book Shop

### RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

Círculo / Livraria Bamboletas / Livraria Bateia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

Café Cartum

Galeria Hipotética

Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Canela

Empório Canela

Caxias do Sul

Do Arco da Velha Livraria & Café

Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen

Vitrola

Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatterra Livros

São Francisco de Paula

Miragem Livraria

### SANTA CATARINA

Florianópolis

Sebo Itha das Letras / Livraria Livros & Livros

Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz

Tralharia

Balneário Camboriú

Santo Livro Livraria e Bookstore

Café Cultura Balneário Shopping

Blumenau

Livraria Blulivro

Brusque

Livraria Saber

Caçador

Livraria Selva

Criciúma

Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center

Joinville

Barba Ruiva Livros & Discos

Casa 97

Mafrá

Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça

Livraria Beco Diagonal

São Bento do Sul

Dom Quixote Livros

São José

Sebo Itha das Letras

Café Cultura Continente Shopping

Tubarão

Libretto Livraria

Café Cultura Farol Shopping

### SÃO PAULO

São Paulo

Comix Book Shop / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Books Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuzada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples

A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estádio Lâmina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking

Araçatuba

Sebo Dom Quixote

Araraquara

Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Botucatu

Sebo Alfarrábio

Campinas

Livraria Pontes / Sebo Porão / Contracultura

TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa

Campos do Jordão



## Memórias de um triste futuro

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

ED. PATUÁ

Neste novo e contundente livro, o escritor William Soares dos Santos se afasta do lirismo que caracterizou seus trabalhos anteriores e nos leva para uma viagem difícil ao Brasil dos anos de 1964 a 1985.

Através de um texto que se constitui por meio do alinhar de diferentes histórias de personagens sem nome, somos apresentados a situações de violência e desumanização.

Ao fim de tudo, temos a certeza de que o pesadelo não acabou. Ainda falta muito para que possamos superar aquele período, nos lembrando que, como escreveu Bertold Brecht, o preço da democracia é a eterna vigilância.

# TRANSFERÊNCIAS E O PACIENTE-JORNAL

Morgana Rech

Talvez por ser a primeira ombudsman psicanalista, já vou começar sem entender direito por que é que o **RelevO** precisa tanto dessa figura para abrir o jornal. Vou criticar o **RelevO** para ajudar o **RelevO**. Vou dizer que o editor convida alguém que proteja os seus leitores para garantir uma faixa de neutralidade em suas relações editoriais. Se eu fosse analista do jornal, investigaria junto com ele os motivos, os verdadeiros motivos pelos quais ele acha que precisa dessa *defesa*. Defender os leitores para, no fundo, defender o jornal. Eu faria o possível para sair do lugar de escudo. Eu diria para o **RelevO** se virar sozinho, pela primeira vez na vida.

Fico imaginando: o consultório sendo frequentado por editores de jornais e revistas literárias. Apresentando suas queixas sobre a função de seus veículos no espaço editorial. O irrelevante ou o megalomaniaco papel que eles acreditam que exercem no conjunto das publicações. A voz do **RelevO**, muito provavelmente, seria aquela mais agradável

de escutar. A que colabora com o processo, que está a fim da *análise*. E aí eu ficaria sabendo desse negócio de ombudsman, a história deles todos. Pensaríamos sobre isso, a minha atenção flutuante daria um salto. Eu ouviria histórias de ombudsmans que machucaram o jornal e ele nem ligou. Tentaríamos ver por outro lado, fazer outras leituras dessas páginas.

Eu lhe diria então que, bem, não dá para deixar de apanhar sem perder a identidade, não é mesmo? O **RelevO** sairia dessa sessão meio puto comigo. Pediria para trocar o horário da semana que vem. Esqueceria o dinheiro. Sairia se vendendo por aí, em vez de vir. Faria uma edição melhor, iria mais longe. E depois nos daríamos conta de que os melhores sacos de pancada são aqueles que acabam por fascinar o agressor até que a pancada se transforme em homenagem. O jornal me homenagearia e eu homenagearia o jornal, porque é assim que a banda toca na relação transferencial que acabo de inventar entre mim,

ombudsman, e meu paciente-jornal a quem, no fundo, me dirijo.

Sempre li dos ombudsmans — e confirmaríamos isso ao longo das sessões, **RelevO** e eu — que eles aprendem muito com essa função. Que, no fim, o jornal é que lhes dá a verdadeira lição. Eu me agarraria a esse fato para tentar virar o jogo a favor do analisando. Uma análise serve também para descobrir as forças que ainda não tinha aparecido em lugar nenhum. Difícil: ser ombudsman, receber as críticas e elogios dos leitores, ao mesmo tempo chacoalhando os mecanismos de defesas do jornal. Elogiar o jornal, sobretudo, merecido que é.

Para o fim desta análise, das duas uma: ou me expulsam logo (tipo mês que vem), ou me deixam fazer umas interpretações sobre *isso* que o **RelevO** vem provocando em seus leitores e vice-versa, para que possam também discordar de mim. Vamos fazer da relação leitor-ombudsman-jornal um verdadeiro seminário literário-clínico, porque também quero mudar, e espero que para melhor. ■

# HEREDITARIEDADE

Minha tataravó fracassou.  
Ainda que cheirasse a pitangas e vento  
como nunca mais ninguém cheirou,  
ainda que conhecesse uma infusão  
para aplacar cada gemido,  
ainda que regesse os elementos  
com mãos de maestria kaxixó,  
ainda que falasse a língua dos pássaros,  
minha tataravó  
não falava a língua (daqueles) homens,  
não dizia sobre os campos: oh, Geraes,  
não tinha alvura suficiente para ser  
musa de poetas ou digna senhora  
com quem se deita para fabricar  
os varões herdeiros da terra.

Minha bisavó fracassou.  
Ainda que crescesse brava  
e enfuturecida,  
ainda que aos treze já fosse  
exímia tecelã na 104 Tecidos  
(onde hoje funciona um cinema  
que me alegra,  
onde hoje vejo seu espírito  
brincando na sala de projeção  
o tempo da infância gorada,  
onde hoje lhe peço, procurando colo,  
“ei, Thereza, quero um filme de amor”),  
minha bisavó  
não foi cortejada —  
mas ajudou os amantes,  
não se sentou às mesas —  
mas cozinhou os banquetes,  
não vestiu as casimiras —  
mas tocou os teares  
quando deveria mesmo  
era ter tocado o terror.

Minha avó fracassou.

Ainda que cantasse sobre o mar,  
cotovia com o talento de uma  
diplomata sem diploma,  
ainda que bordasse em toalhas  
as flores nunca reveladas dos  
jardins da Babilônia,  
minha avó  
não perdeu o silêncio apavorado  
dos anos de menina escondida  
num balaio no prédio da imprensa,  
rogando que não a descobrissem,  
a filha da copeira carecida  
de cujos peitos ainda jorrava leite,  
a neta do homem que se aleijou  
entre as máquinas  
e foi chutado para o olho da rua.

Eu fracasso.  
Ainda que carregue nos bolsos  
turmalinas, ametistas, diamantes  
lapidados nas horas mais lindas,  
eu,  
sucessora das derrotas  
de minha mãe,  
antecessora das derrotas  
de minha filha,  
não encontro senha,  
não encontro emprego,  
não encontro a História Oficial  
me sorrindo na fila do SINE,  
porque orgulhosamente rejeito,  
porque não entoo os hinos,  
porque escarro no chão  
e escarneço  
com meus ódios milenares  
quando desfila na avenida  
o cortejo dos vencedores.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

# OS MEGALODONTES E O FUNDO DO MAR

Rodrigo Menezes de Melo

Minha FILHA estava no sofá, brincando com o cachorro. Fui até a varanda e olhei para a rua lá embaixo. A moto do gás passava lentamente, tocando aquela música clássica, e o vizinho da direita acabava de tirar o seu Honda Civic 2006 da garagem. Eu não sabia bem o que ele fazia, talvez fosse professor ou representante comercial, nunca conversamos muito. Por algum motivo, achava que tinha cara de pedófilo ou de viciado em metanfetaminas, embora não tenha certeza de que exista metanfetamina por aqui. Ele me viu e acenou e eu acenei de volta — a gente quase sempre se sente melhor quando finge que é bom.

— Tá pensando em quê, pai? — minha filha perguntou.

— Eu?

— É.

— Bem, tava pensando que você vai andar de bicicleta daqui a pouco e o sol está forte, precisa de um protetor solar. Já sabe para qual praça a gente vai?

— Ainda não... E agora?

— Agora o quê?

— Tá pensando em quê?

— Agora estou pensando que você é

muito curiosa.

— E agora?

— Acho que ainda estou pensando nisso. Ou, quem sabe, não esteja pensando em nada.

— Ninguém pensa em nada. A gente nunca deixa de pensar, a professora falou. E agora?

— Agora? Puxa, agora pensei nos megalodontes. Sonhei com um essa noite. Eu estava dormindo e ele puxava o meu pé com uma das nadadeiras.

— Não existem mais megalodontes, pai. Eles foram extintos.

— Isso é o que a sua professora diz, querida. Mas eles sempre estiveram lá, no fundo do mar. Alguns ainda estão. Bem no fundo. Acontece que depois daquela coisa que aconteceu no Japão, e também depois do tsunami na Indonésia, as placas tectônicas sofreram grandes abalos e o mundo lá embaixo mudou e eles não se sentiram mais em casa. Tenho certeza de que, nesse instante, tem uma porção de megalodontes nadando por aí, engolindo navios enquanto procuram por um novo lar.

— Isso também estava no sonho?

— Não. É tudo verdade. Tenho pes-

quisado sobre o assunto.

— O que são placas tectônicas?

Eu não sabia bem como explicar, não sabia sequer se era certo o que ia dizer, se tinha entendido corretamente, mas era preciso dizer algo, do contrário, ela não ia parar de perguntar.

— Placas tectônicas são como um tapete que se move no fundo do mar, e esse tapete pode causar uma porção de coisas, até mesmo uma explosão.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Posso perguntar pra professora?

— Claro que pode. Agora coloca o tênis que a gente já vai sair. E pega o protetor solar.

Ela ficou me olhando, como se digerisse o que eu tinha acabado de falar. Lá embaixo, a mulher do vizinho apareceu metida num short minúsculo. Era loira e devia ter vinte anos a menos que ele. Talvez ele fosse médico, pensei. As loiras parecem gostar muito dos médicos. Na verdade, quase todo mundo deve gostar deles, mesmo os viciados em metanfetaminas.

— E agora? — escutei atrás de mim ■

SEBODOLANATI.COM

facebook.com/sebodolanati  
@sebodolanati  
WhatsApp (22) 9 9923-2394  
Telefone: (22) 3053-9985  
Rua Telles Cândido Cardoso, 36,  
Porto do Carro  
Cabo Frio-RJ



Compre um amnésico e um roteirista famoso...  
e leve de graça um operador de telemarketing e uma fugitiva ou uma louca oficial de uma cidade e seus amigos acusados de homicídio e absolvidos.

Presenteie com personagens.

Accesse o site [carladias.iluria.com](http://carladias.iluria.com). Efetue a compra do livro *Baseado em palavras não ditas*. Inclua na compra uma das opções: *Estopim* ou *Jardim de Agnes*. Use o cupom PERSONAGENS para gerar o desconto no valor do segundo item escolhido.

supermercado literário [carladias.com](http://carladias.com)



Mariana Godoy

*Poemas integrantes de O afogamento de  
Virginia Woolf (Editora Patuá, 2019)*

I.  
a primeira morte acontece  
quando a infância se torna vida passada  
e reencarnamos adultos

ainda que pareça impossível tamanha dor  
não chega a ser pior que a segunda

quando acordamos idosos  
e começamos a procurar nossos rostos  
nos rostos dos nossos filhos.

II.  
será que quando morremos voltamos  
como filhos dos nossos netos?

pode ser essa a tragédia humana afinal:  
estar sempre na mesma casa  
com as mesmas pessoas  
limpando a mesma estante de vidro.

eu não ficaria surpresa  
em ser a piada de deus.  
estou contando com algum imprevisto  
para que possamos nos encontrar mais tarde  
fazer da cama forno, chuveiro chafariz,  
febre de 38 e meio que não passa:  
vê-lo passear pelas vias proibidas  
causar um alvoroço nas áreas demarcadas;  
pintar lesões, sugar os seios, morder beiradas;  
assim vou ter um motivo real  
para usar salopas.

# DURO VIVER SEM AZEDAR

Marta Neves

Tem momentos de absoluta solidão. Esperar um resultado de exame, um amante que não chega, o sangue que saiu da cara voltar quando você está no vaso tentando ficar acordado com uma virose sem rumo, o dia de pedir empréstimo no banco. É chato pra caralho. É vergonhoso cagar mole por excitação de sexo ou de medo. Melhor é não perceber que a gente ainda vive, porque é nessas horas de horror que cada capilar vira do avesso e dói. Bonito mesmo é uma vida morna, uma caneta sem tampa, um post de unha feita no Instagram. Por isso a maioria das pessoas acaba ficando em casa pra ver a reprise do velório do Gugu.

Estou procurando lugar pra morar e é uma solidão a mais isso, a falta de noção de onde se meter nesses anúncios dos aluguéis dos sites onde o povo só põe foto do chão dos cômodos, a chave num escritório longe de pegar, a lista de documentos do contrato que é a cara da sua mãe com um chinelo na mão, pronta pra visitar a bunda de sete anos, culpada por todas as fudas do mundo, o horror de quem vai fiscalizar a casa velha de onde você sai. Ficou ali um adesivo no piso que nunca desgrudou e parece que tem todas as células mortas suas, as broxadas, onde uma coisa sem nome que é só sua ficou enalacrada como vontade sem uso, entrou nas vigas junto com o último papel higiênico que você usou um dia pra tapar um troço que escorria na calça por falta de absorvente e nunca conseguiu desovar, o papel pequeno e amassado ali com a forma da vagina e do rego, escondido na parede, mas cheirando a ácido.

Eu fico sem coragem de passar na Paula, no bar tão sem cara e tão faceiro que é ali. Tenho medo de ir pra outro canto e só voltar lá mais uma vez, o povo me olhando diferente, do mesmo jeito que me olharam numa manifestação um dia desses, eu mais velha que o pessoal todo, eles me achando X-9. Ou do jeito que me olharam umas meninas que organizavam um desfile na escola onde eu estudava quando ainda não sabia o que era polinômio nem sujeito indeterminado. Não sei que festa era, mas eu quis tomar parte porque achava que tinha uns dois vestidos bons pra apresentar. Quando vi, tinha gente com brilho, pluma, umas coisas que só apareciam na televisão. Nenhuma das organizadoras me conhecia e me olharam com pena do meu vestido cor-de-rosa com uns babados meio bonitos e uma correntinha linda e invisível. Fiquei tão sem graça ao desfilar para o “teste” que assim que acabei meti o dedo automaticamente na boca. Eu fico mal comigo desde aquele dia. Não entendo meus movimentos, meus dedos, daquele dia pra frente passei a nunca mais saber como me mexer, nunca mais entendi o que saía quando eu falava ou ficava muda. Óbvio que não me aprovaram. Próxima vez meto o dedo no cu.

Quando eu descobri aquele lugar, o bar da Paula, achava que era só uma loja de biscoito. Até que um dia vi lá uns latões e pedi pra ensacolar. Bebi em casa sem saber o que perdia. Mas comecei depois a pegar banco ali, conversa, pinga, a conhecer os nomes. Virou costume, estou agora triste de ir pra longe. Outro dia estavam lá os

homens do bar, todos com a estupidez costumeira que aprenderam desde bebês entre uma papinha e outra. Aliás, mandaram uma conversa sobre um menino num sítio com cutelo na mão pra quebrar a cabeça de um carneiro, criança tipo aquela do WhatsApp segurando uma faca enorme e gritando: mata ele, mata ele!, enquanto corria atrás de um leitão. Mas são meninos muito bonzinhos, têm só mal costume de roça, garantiu o cara que puxou o assunto. Então não há nada de extraordinário nesses sujeitos, assim como nas moças que vão lá também. Uma delas atualmente não para mais pra beber, só fala de exercícios de academia, pede no máximo uma coca, não come nada. Salvo um açaí gigante e ovos. Comeu oito na noite passada pra manter o viço da bunda e não conseguiu dormir. De modo que seguimos ali sem qualquer grande assunto, esbarrando nas manias uns dos outros, dando ziguzague nas opiniões alheias e nas cadeiras do passeio miúdo. Mas é na Paula onde fico quando quero chorar, ninguém sabe e também nem perguntaria a respeito, é ali que continuo quando me aborrecem me chamando de Rita Lee e me encharco de suor no sol às quatro da tarde. É lá que escuto preconceitos com sorrisos, onde as pessoas me amolam de bêbadas e me abraçam de saudade, reclamando que perdi um aniversário de sexta. Lá é ruim como a vida de toda a nossa turma sempre foi. Só que dá um medo danado perder aquela descarga que eu nunca consegui ativar no banheiro separado dos freezers por uma cortininha, dá aquela humilhação aborrecida no peito de quando a

gente acorda de madrugada pensando que um dia o coração cansa e tudo vai se acabar.

Ninguém ali é militante de esquerda, libertário, comentarista de filme de Facebook, não dão listas de artistas plásticos com nomes difíceis pra gente decorar, não sabem o que é mamadeira de piroca nem empoderamento. Só ficam tristes se eu vou embora. Aliás, todos estão acostumados a ficar tristes sempre e a passar um papel em cima da tristeza, a lavar a humilhação de todo dia com uma mistura que o desentupidor que frequenta a Paula faz, boa pra matar ratos e baratas. Depois se sentam lá, pedem cerveja e picolé, olham pra gente sem medo, puxam história. É tudo assim quase sub-humano de tão humano. Tipo o cara que namorava uma conhecida minha porque achava ela a cara da Dilma Rousseff. Não, ele nem votava na Dilma. Tinha era muito tesão. Daí começou a trair a namorada com essa minha amiga. Mas depois pegou a trair a amásia também. Pediu a ela dinheiro pra um frango no almoço de domingo no barraco com a mãe, mas ficamos sabendo que o frango foi embora com ele e a namorada pro motel. Minha amiga, por sinal, também frequenta o bar. Pra mim, é difícil sair daqui porque fico satisfeita só de pensar que tem uma loja de biscoito e pinga a uns poucos metros de distância, assim como tenho um conforto danado na cabeça por imaginar um frango no motel fuleiro umas quadras adiante, colocado no chão em cima de um plástico enquanto as pessoas transam, azedando. É duro viver sem issouro viver sem azedar. ■

# RELEVO TUNING #129: EDINHO SOUND

Nem só de carro rebaixado, roda grande, adesivos sexistas, som torando, lentidão em lombada, crédito negado e manutenção da barriga proeminente vive um fã de *tuning*. “Ser tuneiro é o meu estilo de vida”, alega Edinho Sound, 35, tuneiro desde *Mais Velozes & Mais Furiosos* (2003) e pagador de pensão em dia desde *Velozes & Furiosos 10: O Inimigo Agora É A Outra*. “O pequeno Dominic é tudo pra mim”.

Um dos mais conhecidos tuneiros do Brasil, Edinho Sound transformou seu Gol G1 Modelo 82 preto fosco no que ele define como o primeiro carro “quase autônomo” do Brasil. “Cara, falo isso sempre e dificilmente outra coisa: o que o tuneiro tem no coração nem o Detran tira”, define.

Fora do carro, nos finais de semana, Edinho Sound é uma pessoa quase comum, que não gosta de pisar em cocô de cachorro, nem de falso desconto, nem de universitários.

Nascido em Botucatu e batizado como Edson Oliveira, logo cedo, aos sete anos, descobriu sua vocação ao ser atropelado por uma Belina na saída da escola. “Descobrimos, horas depois, que o motorista era pedófilo e estava molestando o Jairzinho. Tive muita sorte de apenas quebrar um braço e deslocar a clavícula”, alega. “Não sei o que aconteceu com o Jairzinho porque, privilegiado, ele não foi mais pra escola”.

Edinho admira poucas coisas na vida: carro, som, cerveja e mulher, em uma ordem que muda entre a segunda e a terceira opção, sendo a quarta uma contingência em virtude do cursinho preparatório do SENAC que ele fez em 2004. Eram muitas as dificuldades com cálculos. “Tive que andar, por seis meses, de ônibus. O pessoal acha que é legal fazer a piada ‘hoje vou de Mercedes’, mas depois que você ouve durante uma semana inteira, não

aguenta mais. Nunca mais estudei e não tive recaídas”, enfatiza.

O carro tunado, carinhosamente chamado de Monster Crew, “não sei como se escreve essa merda, mas o nome é daora, né?”, foi uma herança do avô, que morreu quando ele tinha acabado de completar 16 anos. “Foi mais um lance de sorte, tipo, não a morte do meu avô, câncer é muito triste, bicho, mas eu tinha acabado de completar cinco anos de direção. Meu pai me deu o carro num dia de bebedeira, depois de se arrepender de ter me socado na frente da minha irmã mais nova”, revela. “Se ele me desse um carro pra cada vez que me bateu bêbado e se arrependeu, eu tinha uma frota ahahahaha”, acrescenta. “Depois da medida cautelar, a minha mãe melhorou de saúde e o licenciamento ficou definitivamente pra mim”.

No começo dos anos 2000, surgiu o interesse pelo mundo do tunagem.

“Cidade pequena, eu via aqueles carros com uma mesma música, passando de madrugada, acordando os cachorros e a minha tia com paralisia facial e também pensava: ‘que daora...’”. Se todo admirador de carro tunado parecia o Vin Diesel com acne grau 3, o problema era da acne. “Um dia fiquei acordado até mais tarde só pra ver o carro do som torando passar... Quando já tava quase desistindo – e lembrando da medicação da minha tia –, o carro veio, sozinho, sem pressa, com o som arregaçando como os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, um no cu do outro, arrastando a lataria no chão; o maluco com o braço pra fora, um relógio, um óculos de uma procedência que eu poderia comprar... Ali descobri o meu propósito: foi lindo”, afirma Edson, emocionado e incapaz de se levantar em razão da explícita excitação de seu órgão reprodutor. “Lógico que assistir *Velozes e Furiosos* 11 vezes





# RELEV O

## NOTA DA REDAÇÃO:

O **Jornal RelevO** pede desculpas ao seu leitor em razão de reportagem publicada nesta edição (fevereiro). Em uma apuração tardia, o **RelevO** parece ter descoberto que “Edinho Sound” é mestre em Direito Ambiental e conselheiro da OAB, com uma carreira sólida de uma década na advocacia. Isso explicaria por que Edson Oliveira não quis mostrar sua casa para a redação sob nenhuma hipótese, preferindo estacionamentos após o crepúsculo. Também explicaria por que havia um chaveiro de balança no espelho do Monster Crew – e, principalmente, por que Edson o arremessou assustado assim que nossa equipe adentrou o veículo. Edson realmente tem um filho Dominic, mas não há indícios de que Ketellim Barbosa exista. Como ainda não tivemos tempo de checar nossa apuração, resta torcer, como bons jornalistas que somos, para que tenhamos relatado a verdade – e que, portanto, a nova verdade seja uma mentira, fazendo com que a velha verdade, no momento mentira, retome sua condição de verdade. Sacou?

também colaborou” – complementa – “arte tem que comunicar e acelerar!”.

Durante dez anos, o Monster Crew passou por diversas melhorias: rodas, lataria, som, motor, néon, pneu, suspensão, freios, faróis, chassi, mais néon... Até o gênero do carro foi mudado, constando como carro-CARRO na documentação. “O que mais incomoda os apaixonados por som automotivo são os ‘buracos’ no som e os cancelamentos. Se o gerenciamento das frequências não estiver correto, pouco importará a potência, já que o conjunto não será reproduzido com qualidade. Essa é uma preocupação de quem participa de campeonatos ou ainda de quem apenas aprecia qualidade sonora”, defende Edson, copiando descaradamente um trecho de matéria da revista *Quatro Rodas*. Constrangido pelo bom uso da língua portuguesa, ele retifica: “ou sei lá também; é daora, viado.Vai, Corinthians!”.

Em 2010, Edinho fundou o grupo PenetraSom, “o primeiro de tunagem no Brasil com trocadilho sexual barato, lúdico e divertido”. A reportagem descobriu outras 12 ocorrências, seguindo uma procura rápida no Google por Tunagem + Trocadilho. “Curioso que ninguém se incomoda com uma revista pet chamada *Cãolinária*...”. O intuito do PenetraSom era (e continua sendo) a união entre entusiastas do *tuning* dos mais diversos contextos. “Tem até são-paulino kkkkk”, elucida Edinho.

Infelizmente, se a carreira decolava no mundo da tunagem, sua vida pessoal capotava. Cansada das festas com *open bar* e narguilé na capota do Gol, Ketellim Barbosa decidiu se separar de Edinho. “Sinto muita falta do Dominic. Ajudei o moleque a andar e a pisar no acelerador do Gol. A primeira vez dele no volante foi com três anos, mas o juiz entendeu, entre outras coisas (que não

vêm ao caso), que rolou exposição de vulnerável ou de incapaz, não lembro direito. Mas incapaz? Porra, o Dominic sabe catar dinheiro da minha carteira quando eu escondo embaixo do travesseiro”, exalta-se ao falar com o **RelevO**.

Mesmo que o *tuning* e o Gol pareçam preencher todo o compartimento mental de Edinho, ele se emociona ao lembrar do filho, embora também tenha muito orgulho de estar há quase vinte anos no ramo de venda de carros com documentação atrasada. “O trabalho dignifica, mas não paga boleto. Sempre digo aos meus clientes: piseira na mão, deus no coração”. Andando lentamente, sabendo que é o momento em que precisa organizar os pensamentos para produzir uma frase de efeito e dizer aquilo que a reportagem sabe que não será incrível, porém verdadeiro e definitivo, ele completa: “a caixa dutada é muito melhor do que a selada”.

# RELEITURA

Elisa Dot

Não havia motivos para celebrar. Arrastei meu corpo até uma praça mal iluminada, acreditando na promessa de que sair de casa sossegaria meus miolos. Fazia tempo que não encontrava pessoas tão contentes. O sorriso daqueles jovens espirrava injustiças sobre mim e, por um momento, desejei que todos caíssem em meu poço de sofrimento. Era a noite perfeita para sufocar risadas — tempos difíceis faziam isso comigo.

Com um simples gesto, anunciei a meus distantes amigos que fugiria para outro lugar. A expressão de cada um deles me fez pensar que sou excelente em linguagem corporal. Desapontado. Indignada. Triste. Frustrada. Esbarrei em cadeiras de plástico e chutei balões murchos até sair daquela festinha particular. Acompanhada de um livro medíocre, o semblante solitário e estranhamente familiar da praça me convenceu a ficar.

O banco de madeira corroída ilustrava minhas impressões sobre aquele fim de mundo. Não muito longe dali um jardim japonês desativado cheirava a álcool e abandono. O brilho da lua re-

fletia a imensidão de escamas que boiavam num pequeno lago, vestígios de carpas talvez afogadas naquele veneno de obliviar. Sentei-me sobre o banco, o suficiente para pequenas felpas perfurarem minha pele. A dor não me incomodava. Na verdade, nenhuma dor me incomodou depois do que aconteceu vinte dias atrás.

Abri o livro em uma página qualquer. Era medíocre, daqueles que te abandonam em pouco tempo. Pulei prefácios e prólogos, corri sobre narrações vazias e me aproximei daquele que seria o conto mais elogiado pelos críticos. Respirei fundo, como quem não tem mais nada a perder, e li o título sem pressa: "A tragédia de Potira".

Fechei o livro. O som abafado das páginas amareladas espantou os vagalumes que valsavam no gazebo empoeirado. Nada dura para sempre — nem mesmo o amor — foi o que me disseram naquele dia. Sem querer, recepcionei uma tormenta de lembranças. "Agora não", pensei. Na tentativa de derrubar meus pensamentos, balancei a cabeça até ton-tear. O brilho dos vagalumes aumentou

assim que transbordei meus olhos de lágrimas não solicitadas. Naquele momento, discordei do que me disseram no velório, e repeti mil vezes que sim, certos sofrimentos duram para sempre. Eu não estava pronta, nunca estaria. Abracei o livro com todas as minhas forças e fechei os olhos.

A brisa abafada anunciou a chuva. Senti cada poro do meu corpo inchar até meu cérebro converter aquela sensação em um calafrio assustador. Larguei o livro, não sem um cuidado imprevisto, e esfreguei meus braços para produzir alguma espécie de calor humano. A praça estava diferente. Os vagalumes ainda estavam lá, valsando até a morte certa, mas fui atingida por uma nova percepção. "Eu sabia", pensei. "Já estive aqui antes".

\*\*\*

Ele estava lá também. Comigo. A ternura de sua voz era minha arma favorita contra todos os monstros que moravam sob mim. Era uma voz rouca e desafinada, mas doce o bastante para afugentar todos os meus desesperos. Era uma época boa, tenho que admitir, na qual

eu ainda não sabia chorar.

Eu olhava para ele, como sempre, e cantarolava melodias de um CD de rock que ganhei no nosso quinto aniversário de casamento. Enquanto decidíamos nosso próximo sabor de sorvete (ou qualquer banalidade tão gostosa quanto difícil), o segurança da praça, acordado pelo barulho da cidade, ligou a fonte artificial do jardim japonês, a alegria das carpas e das crianças. Corri para beber a água da fonte e sentir a proximidade da natureza — missão quase impossível para os nativos da cidade.

Ele não se moveu; em vez disso, riu e me abraçou, carinhoso que só ele, e decidiu que era hora de me contar uma história. Suas decisões eram difíceis de prever, mas ele quase sempre encontrava o momento certo. Vasculhando sua estante mental, ele escolheu a história de Potira, heroína amiga da natureza e nativa de tudo isto antes de nós. Não importava o quanto beirava o surreal, aquela já era minha história favorita.

— Diz a lenda — ele não gostava de "era uma vez" — que Potira desejava lutar ao lado de seu marido em uma

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

@casaprojetosliterarios

grande guerra, mas foi impedida e ficou na companhia de amarga impotência. Ela esperou por dias e não derramou uma lágrima sequer, mas seu marido nunca mais voltou.

Sua feição murchou diante de meus olhos. Eu conhecia aquele olhar, o mesmo que ele esboçou logo após nossa briga mais dolorosa — quando entrelaçar nossos dedos era mais difícil do que acabar com a fome no mundo —, e era o mesmo olhar daquele mês quando perdi nossa menina. Esqueci a história, a praça, o nome negatizado e as cobranças no escritório. Franzi as sobrancelhas como uma reação instintiva e tentei sorrir para cortar aquela névoa de tensão que pairava sobre nossas mentes. Respirei, aliviada, quando ele desviou o olhar para continuar sua boa história.

— Potira chorou por todos os seres vivos da floresta, até que Tupã apareceu e transformou suas lágrimas em diamantes que, reza a lenda, descansam no rio até hoje.

— Por que ele faria uma coisa dessas? — perguntei, ainda pensando naquele olhar.

— O que você acha?

— Não sei. — Sorri, enquanto pensava em uma boa resposta para não o decepcionar com meus pensamentos vagos. — Acho que ele não queria sentir a tal da amarga impotência.

Ele caminhou pra lá e pra cá, sorrindo para as carpas de vez em quando. Aconchego fácil de sentir. Apoiando o queixo nas mãos, ele parecia raciocinar como um filósofo, como alguém que não queria me decepcionar com pensamentos vagos. Após alguns minutos de silêncio preenchido por trânsito e multidão, ele disse:

— Talvez Tupã transformou a tristeza de Potira em diamantes pra ver se a gente aprende a valorizar o amor verdadeiro.

— Acha que Tupã faria isso se eu te perdesse?

Quando ele tropeçou no ar e sentiu sua respiração vaçilar, percebi o peso de minhas palavras. Éramos sensíveis, afinal, qualquer fragilidade poderia ser percebida como balas de canhão. Mas ele ignorou minha pergunta e disse, com um sorriso acolhedor:

— Você não vai me perder.

Hoje sei que ele não deveria ter me ignorado.

\*\*\*

Um vagalume desavisado pousou sobre meu olhar perdido e, quando dei por mim, as luzes da festa já não estavam no meu campo de visão. Minha boca estava seca; por quanto tempo fiquei presa nessa lembrança amaldiçoada? Não era a primeira vez nos últimos vinte dias, é verdade, e os especialistas me avisaram que seria difícil. Só não me avisaram que o tempo passaria mais devagar.

Peguei o livro. A página estava marcada, talvez pelo impacto que produziu sobre páginas tão velhas. Revisitei Potira, depois de todo esse tempo, e não posso negar as surpresas que tive ao longo da história. Ri ao descobrir que ele encurtou a história, inventou detalhes que minha memória jogara às traças e acrescentou encenações que só uma quebra na quarta parede seria capaz de proporcionar. Confirmei que aquela era mesmo minha história favorita. Reli uma porção de vezes; era difícil retornar à realidade.

A brisa gelada me puxou de volta.

Olhei para o céu. Apenas escuridão, nuvens acidentadas e nenhuma estrela para fazer desejos. Quis recorrer a Tupã, mas não acreditava em mais nada. Então pensei em Potira; como deve ter sido penoso, como o tempo também passou devagar e como ela teve que assistir a vida dos outros seguir seu curso, como se seu sofrimento não fosse suficiente para fazer o mundo parar.

Deixei que as lágrimas encerrassem minhas falsas orações. Tupã não apareceu. Ninguém apareceu. Era só eu contra o resto da minha vida e todos os fantasmas de planos nunca concretizados. Não tive escolha; abracei minhas lembranças e aceitei que deveria entrelaçar minhas mãos com o amor que residia dentro de mim. A solidão era minha pior inimiga, mas eu não permitiria que a saudade fosse sua aliada. Saudade, afinal, era a prova de que eu valorizava meu amor verdadeiro. Era minha fonte de diamantes, meu refúgio para tempos difíceis. Com esforço, sequei minhas lágrimas e me levantei do banco de madeira corroída, não sem alguns machucados, deixando Potira para trás. ■



# FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

livros | vinis



Joaquim  
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51  
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

# O DONO DO AÇOUGUE

Evandson Sousa

*Conto integrante de O Livro de Contos Nonsense (edição do autor, 2019)*

Anoitecia quando Afrânio percebeu algo estranho em seu açougue. Os funcionários já haviam ido embora e ele ficara para fechar o estabelecimento.

Um barulho estranho vinha do frigorífico. Parecia muito o som de uma madeira oca acertando o chão, num compasso ritmado. Afrânio, receoso, ligou as luzes do frigorífico, empunhou sua pistola de segurança predileta e foi vistoriar a área. O som parecia aproximar-se conforme andava em direção à última peça bovina do corredor. Além disso, já se via claramente os movimentos de uma sombra, declarados pelas fortes lâmpadas do frigorífico. “Quem está aí?”, perguntou Afrânio, na direção do som, sem respostas, porém com o barulho ritmado persistente. “Quem está aí?”, repetiu, mais nervoso, com a mão um pouco trêmula, empunhando a pistola com mais firmeza. Não houve resposta.

Sem pensar muito, e começando a sofrer com o frio, Afrânio deu um chute na peça bovina, fazendo-a balançar, e

acertando o vulto gerador do barulho por trás dela. O vulto se moveu e saiu de trás do enorme pedaço de carne. Era uma esfera de madeira de aproximadamente 50 centímetros de diâmetro, oca, com adornos prateados, estilizados, em suas extremidades inferior e superior, que ia até o chão e subia até a altura dos olhos do homem.

Afrânio, assustadíssimo, alvejou o estranho artefato com todas as balas que tinha, errando todos os tiros. A esfera permaneceu em seu lugar, quicando, indiferente ao acontecido. Afrânio deu meia-volta e correu de lá, desenfreado, tropeçando e quase caindo diversas vezes no percurso. Já havia saído do açougue e cruzado duas ruas quando resolveu parar para respirar, certificando-se de que a esfera macabra não o seguira.

— Ando trabalhando demais, deve ter sido uma alucinação — disse o homem, tentando conceber o ocorrido e achando melhor não chamar a polícia para averiguar. Decidiu que precisava descansar.

Chegando em casa, jogou sua roupa sobre a cama, tomou um banho de água morna para relaxar um pouco, e tentava, sem sucesso, distrair a mente da maldita esfera de madeira que agora o assombrava. O compasso oco estampava em sua cabeça o som implacável, inesquecível, que, sentia agora, o atormentaria por muitos e muitos tempos. Deitou a cabeça no travesseiro, cobriu-se com um fino lençol e nessa noite decidiu não dormir de janelas abertas — um medo subconsciente da esfera maligna. Após uma luta interna, conseguiu adormecer, na esperança de acordar no dia seguinte confiante de que isso fora um sonho ruim.

O sol ainda não havia nascido quando seu telefone tocou — era um de seus funcionários do turno da manhã pedindo para que Afrânio aparecesse com urgência no açougue. Barulhos de sirene e agitação foram notados ao fundo.

Ainda no susto da ligação repentina e da noite maldormida, Afrânio havia

esquecido por um momento de todo o episódio do dia anterior. Arrumou-se depressa, sem nem ao menos tomar seu café, como fazia religiosamente, e saiu para o açougue.

Foi no meio do caminho que um barulho incômodo começou a ecoar e, naquele mesmo momento, lembrou-se de tudo. Mas por que motivos o barulho estava tão maior agora? Chegando à rua do açougue, entendeu.

Diversos curiosos cercavam a área, delimitados por faixas e fileiras de carros da polícia, de bombeiros e uma ambulância. O tumulto era generalizado. Todos olhavam, estarecidos, para o açougue destruído.

Afrânio não acreditava no que via: a pequena esfera de madeira agora tinha mais de vinte metros de diâmetro, rasgava os céus e ia de encontro aos destroços do açougue, esmigalhando mais e mais concreto a cada descida, no mesmo ritmo do dia anterior. A madeira parecia intacta, nada danificava aquele artefato. Afrânio viu os policiais



planejando alguma tática para frear aquele ser incompreensível.

Num misto de desespero e raiva, Afrânio foi na direção da estranha esfera — O QUE VOCÊ QUER AQUI, CRIATURA DESUMANA?! QUAL O SEU PROPÓSITO COM ISSO?! VOCÊ DESTRUIU TUDO QUE EU BATALHEI ANOS PARA ERGUER, A TROCO DE QUÊ? — vociferou, indignado.

A esfera parou seus movimentos destrutivos e pairou no ar por um instante. Nesse momento, um súbito frio subiu pelas entranhas de Afrânio. Seus olhos arregalaram-se — a criatura havia notado sua fala. Um rosto feminino se materializou da madeira indestrutível, traços finos, pode-se dizer até que elegantes, se formaram e fitaram, austeros, o pobre dono do açougue destruído.

— Eu estava te paquerando, mas você não entendeu minhas indiretas — disse a esfera, com um tom de voz tão doce e suave, como que uma melodia calmante feita por dezenas de harpas, que não se

imaginava sair de uma esfera de madeira gigante e surreal.

A esfera desapareceu instantaneamente, de forma abrupta. Não houve um deslocamento, não houve uma mágica de torná-la mais e mais transparente, até ser invisível aos olhos, nem uma súbita desfragmentação de suas partes. Ela estava lá, depois não estava mais.

Depois sumiu a ambulância, sumiram os carros de polícia e seus policiais, sumiram os bombeiros. Sumiram os pedestres curiosos. Sumiram os destroços do açougue, completamente. Afrânio notou que sumira também a rua e sumira o céu.

Afrânio estava no vazio das horas, e lá sumiram seus sapatos, sua calça e camisa. De súbito, sua cueca se tornou uma sunga. Também de súbito, o vazio se tornou uma piscina enorme, na cobertura de um condomínio de luxo. Afrânio se assustou.

Ele gritou, mas ninguém o ouvia na piscina, exceto Afrânio, seu clone homônimo, nu, que o observava por trás de uma pilastra. ■

**acontece nos livros**  
um canal dedicado à literatura

*whisper fraga*

Inscreve-se e mergulhe no universo literário.

 **zagreusw**

  [acontecenoslivros](#)  [noslivros](#)  [acontecenoslivros@gmail.com](mailto:acontecenoslivros@gmail.com)



Editora **Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

# CANÇÃO DE MORTE

Igor Raduy

## I do desalentar

De onde vem o vórtice, consumo de outros vórtices iguais ao vosso, de onde luze a centelha, sumário de outras centelhas que são vossas, bem onde fica o sacrário, seja a vida que vos alenta, seja o sepulcrário, ali onde a morte oculta seus destroços, que sob o consumado lume dantes vosso repousa uma laje, que o que dantes girou vivente sobre as estepes do mundo, hoje jaz emparedado, já não oscila, já não arde, por que artes hei eu de vos rever um dia, alvo, luzente, coroadado, se eu mesmo hei de seguir o atalho cujo destino repousa sobre a mesma laje, como hei eu de vos reter em meus braços, se os meus alicerces são bem como os vossos perecíveis, por que artes hei eu de vos reencontrar, quem sabe em outro reino, outro hemisfério, ali onde aéreos, delicados, vou convosco, lado a lado, ali onde de braços dados sob um verdescente prado caminhemos, mas como, se nem o meu corpo, nem o vosso, e se nem o meu rosto, nem o vosso hão de ultrapassar incólumes os umbrais da noite, antes — oh despautério, oh invólucro — turbilhonados sob um mar de andrajos, lágrimas, flores murchas, cessarão ambos de existir como rosto e corpo, passarão a existir como despojos, e logo como pó, e logo como nada.

## II do desenfeixar

Rebenta, oh saliente pomo, refulgiste, agora, desfalcado do luzeiro que era teu, emudeço lívido, e vou reabrindo as

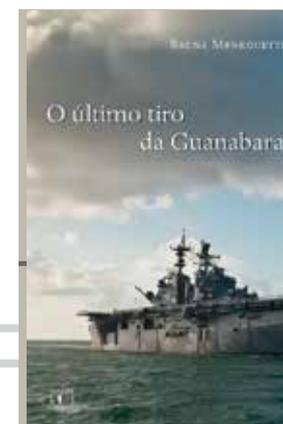
comportas onde guardei, plasmado, um esboço dos teus olhos.

Rebenta, oh sepultante, que da carícia há de emergir a fresta, de onde frondoso brota o valeroso (ou volumoso) espécime, em festa pois rebenta, oh despojada réstia do que foste, oh desconcertada coleção de ossos, que do alteroso porte que antes exibiste, do desassombrado e opulento e forte há de emergir o espanto com que frente à morte nos apresentamos.

É o moroso drapejar de um trapo, o rumorejar dos galhos quando o vento, à meia-noite, quando emparelhado em mim teu cetinoso túnel, que resfolegante esfregas sobre a minha a tua fome, que o vento continua a escarnecer de nós.

Pois rebenta, oh delgadeza do instante, que em ti o gesto e a delicadeza são um e o mesmo, e a brandura sem a carícia não subsiste, assim como da morte participa o espanto, e como não resistes sem teu sestro, não existe sem o mesmo sestro teu encanto.

Pois rebenta, oh clamor inútil, oh indiferença de tudo, que depois de partires, as folhas hão de se agitar da mesma forma sob o vento, e o mar há de continuar a lançar vagas contra as rochas mudas, e o sol há de espalhar sobre o gramado a mesma luz, e até mesmo



## O último tiro da Guanabara

Bruna Meneguetti  
Ed. Reformatório

Um navio de guerra apontando os canhões para a praia de Copacabana enquanto pessoas estendem lençóis brancos dos prédios, pedindo paz; um presidente que durou apenas quatro dias no poder; uma articulação que poderia ter antecipado 1964. Todos esses episódios soam como inventados, mas são reais e estão presentes no romance histórico *O último tiro da Guanabara*, que conta como um vidente cego teria ajudado Juscelino Kubitschek a impedir um golpe orquestrado contra ele e seu vice, João Goulart. A obra, ganhadora do 1º Edital de Publicação de Livros da Secretaria de Cultura de SP, mescla ficção e fatos reais na década de 1950 do Rio de Janeiro.

[brunameneguetti.com.br](http://brunameneguetti.com.br)

aqueles que conhecestes e amaste hão de voltar às suas vidas e amarão novamente, sendo tu apenas uma lembrança pálida arquivada nos alçapões da memória.

E quando estes que conhecestes e amaste partirem por sua vez, e até mesmo em tua lápide não se puder ler teu nome, e as gerações se seguirem, quando todo e qualquer traço que deixaste no mundo for apagado, quando não restar o mínimo resquício do que foste, aí então será tua morte radical e completa, o cáustico aniquilamento do teu nome e do teu ser, a erradicação de qualquer vestígio teu, aí sim terás morrido inteiramente, aí sim estarás profunda e irremediavelmente morto.

### III do verso e do anverso

A esfaimada partição de um áster, fundação das levas alquebradas de argonautas, que na extrema-unção hás tu de recolher o derramado éter, que mesmo no silêncio a morte indaga, que mesmo nas alturas crísticas do nada hei eu de forcejar a entrada no famigerado reino, o estéril continente de onde nenhum vulto volta a emergir, que uma vez teus olhos submersos, que uma vez dilacerado o verso e o anverso dos teus ornamentos,

que uma vez desenfeixado o texto, a tessitura, o cordame o elo, o feixe, a contextura, jamais hão de novamente enfeixar-se, que no dia em que solene tu partires, parto eu em teu encaço, vasculho a rosa dos ventos em busca de um vestígio teu ou do teu rastro, exumo o teu fenecente cadáver e arranco de um mar de andrajos, trastes, flores mortas o teu corpo desmaiado — oh canção, oh severa degeneração do teu invólucro, oh maldita desintegração do que um dia foste e já não és.

### IV do imergir

Ônix, de onde ostentas, lúbrico, o sílex, o silêncio, o túrgido redespertar de um antúrio, que do lodo recolhiste o brilho, do estofo carnoso o índice de mais e mais contendidas, que do jorro alvissareiro brota o látex de mais-silêncio, e escuro o continente imerge sob a pedraria, sem que o espasmo, o astro de cansaço que ontem entreviste, a haste transformada em susto, rebrilha pelos escarcéus feito um murmúrio, que do lado mais exposto tropejas a ira e as tuas mãos no barro remarcam a trilha, a armadilha em que tu mesmo te enfiaste, a inominável ilha em que te encontras condenado ao ostracismo eterno.

# A MORTE DO VAMPIRO

Mateus SENNA

Uma notícia bastante macabra atingiu os meios literários de Curitiba. Tristão Domingues, ex-escritor, e agora famoso repórter investigativo do programa Balanço Geral, descobriu que Dalton Trevisan, o Vampiro de Curitiba, está morto há 6 anos, e ninguém sabia. Como é de praxe, na intenção de reboliço extremo e suposições sobrenaturais, Domingues apresentou sua matéria exatamente desta forma, sem revelar pormenores até que recebesse ligações de personalidades como o prefeito da cidade, Rafael Greca, a poeta Alice Ruiz e o dono da famosa casa de quibes onde o vampiro costumava se deliciar, o senhor Al-habab Chain — que não acreditou no furo, já que, segundo ele, Dalton havia estado em seu estabelecimento semanas antes de a notícia tomar a boca do povo. A verdade é que o repórter não só descobriu que Dalton estava pra lá de morto (e, portanto, não é de fato um vampiro) como também desmascarou Moacir Olavo Maciel, 45 anos, vigarista que, desde 2014, se passava pelo escritor e, pasmem, estava morando este tempo todo na tão conhecida casa de esquina na Rua Amintas de Barros, em companhia do cadáver putrefato do mestre Trevisan.

Para chegar a tal desfecho, Domingues não fez muito mais do que outros fãs do Vampiro já fizeram. Em uma tarde de tédio, o repórter caminhava pelo centro da cidade quando decidiu subir a rua da Reitoria para admirar o mau estado de conservação da casa de Dalton Trevisan, bem como se estreitar no palanque do muro que dava para o quintal da propriedade e poder admirar o belo gramado, o qual divergia completamente do estado da construção, repleto das mais coloridas rosas e cuidadosamente podado rente ao chão. Acontece que, nesta bisbilhotada, Domingues deparou-se com Dalton (ou quem até aquele momento acreditava ser Dalton) estendendo roupas no varal. Ao ver o intruso empoleirado no muro, o homem correu — com agilidade impossível para um senhor de 94 anos — em direção à casa, de onde não mais saiu. Intrigado com a situação

presenciada, e rememorando suas últimas leituras do autor (das quais desgostou muito, como se o tom, as palavras, o estilo não pertencessem ao Vampiro), brilhou nos olhos de Tristão uma possibilidade que apenas os grandes repórteres policiais enxergariam.

Naquela mesma semana, o repórter alugou um apartamento no prediozinho ao lado da residência Trevisan e, dali, começou a estudar todos os passos dados pelo morador vizinho. Durante um mês, Tristão Domingues acompanhou uma rotina que consistia em rega das rosas do jardim, colocação de roupas no varal e algo que ele considerou muito estranho para um nonagenário, apesar de não impossível: o recebimento diário de alimentos por um motoboy do Ifood. Mas foi só no começo deste ano, em uma das semanas de intenso calor, que a investigação rumou para o êxito. Domingues relia desinteressado um conto de *Beijo na nuca*, “O andarilho”, que considerava como o pior e menos possível de ter sido escrito por um vencedor do Prêmio Camões, uma repetição barata de um Dalton cansado da cidade que não é mais sua, algo muito parecido com o que já havia lido do escritor Paulo Ras (por quem cultivava imenso ódio), quando viu sair na hora de sempre o homem pela porta de trás, carregando junto ao corpo uma bacia cheia de roupas molhadas. Ao deitar a bacia no chão e levantar-se, sem camisa, por entre pelos negros, Tristão viu um morcego tatuado no peito do Dalton... do falsário Dalton! Não tinha mais dúvidas: aquele homem, que se não fosse pelos cabelos brancos (os quais poderiam muito bem ser pintados) por baixo do boné não pareceria ter mais do que 50 anos, estava se passando por Dalton Trevisan e, pior, escrevendo por ele, manchando sua obra! Aquela investigação não se tratava mais apenas de ibope para a RICTV, mas sim de um ato de honra pela vida e lenda do Vampiro de Curitiba.

O cenário do interior da casa era caprichosamente incoerente. Todos os móveis estavam alinhados para o centro da sala, o qual era tomado por um

belo tapete persa vermelho; as cortinas brancas e encardidas eram as que davam para o lado de fora, para a calçada, porque sua parte interna era ocultada por panos pesados verdes-esmeralda (ao lado, na parede, um pôster do Atlético campeão da Sul-Americana); Domingues avaliou a qualidade do chão de taco e pôde ver que eram encerados com frequência. O repórter caminhava a passos de bebê, bambo e atordoado não somente pela escuridão da madrugada, mas pelo excesso de decoração que a casa do vampiro continha. Em uma das cambaleadas, deu de encontro com uma poltrona coberta por um lençol, num cômodo que parecia ser o escritório. Antes mesmo de retirar o pano que cobria o móvel, notou que o assento estava ocupado, e teve certeza do que estava escondido ali. Focado e heroico, Tristão abafou o grito na manga da camisa ao ver o corpo morto e decomposto de Dalton Trevisan dobrar-se a sua frente e cair ao pé da poltrona. Depois, foi até o quarto em que dormia o falso Dalton e ordenou-lhe prisão. Com um cadarço de tênis que encontrara sob a cama, amarrou o bandido — que não esboçou reação — na cabeceira e aguardou a chegada da polícia. Fumando um Camel de cereja na janela que dava para o quintal florido, Tristão Domingues pensou sobre o quão triste aquele cadáver ficaria ao ser levado pelo IML por entre rosas coloridas.

Moacir Olavo Maciel conseguiu provar à polícia que não assassinou Dalton Trevisan. O homem alegou desde o início que havia entrado na casa por achar que a propriedade estava abandonada, dadas as condições do lugar. Porém, ao passear pelos cômodos, Maciel, que morava em uma pensão no centro de Curitiba desde que fora expulso de casa pela ex-esposa, encontrou Trevisan já sem vida em uma poltrona, segurando em uma das mãos uma carta — ou um pequeno texto — de suicídio, a qual Maciel entregou à polícia prontamente como prova cabal de sua inocência:

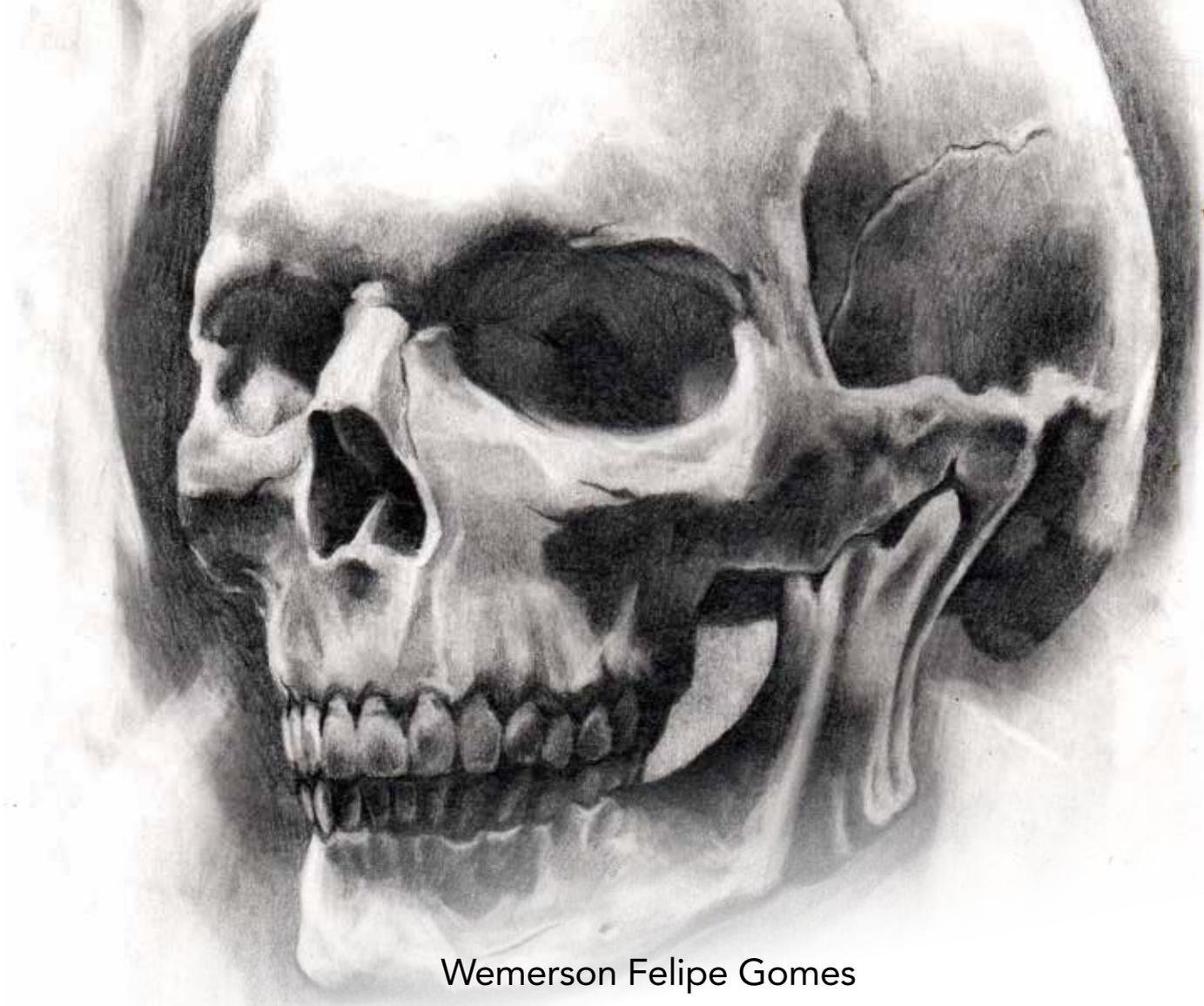
“A você que encontrou meu leito de morte,

Aqui estou desde o dia 02/04/2014 e aqui quero permanecer. Decidi pôr fim à vida e isso é tudo que precisa saber. A natureza estava demorando a cumprir seu serviço.

D.T.”

Moacir Maciel conta que, depois de vasculhar os vários armários e gavetas da casa do falecido (nas quais diz ter encontrado o montante de R\$100.000,00 em dinheiro, inclusive), entendeu que aquele a sua frente “se tratava de alguém importante”. Maciel então começou a planejar sua transformação, estudando tudo a respeito daquela figura e tendo o cuidado de manter as aparências quando telefonavam, ou mesmo quando atendia às entregas de comida ou ao carteiro. Indagado sobre o porquê de ter escrito dois livros, Moacir alega ter encontrado dois contratos já assinados sobre a escrivania de Dalton e, para não desconfiarem, fez o que pôde. “Achei que iriam desconfiar, mas li alguns dos livros que ele tinha de si mesmo e tentei copiar um pouco do estilo e do tema. Me pareceu bem fácil, falar um pouco mal da cidade, erotizar algumas coisas. Tudo em poucas palavras”, teria dito ao repórter do Balanço Geral, em entrevista exclusiva ainda não veiculada. Sobre os aspectos físicos, que são notavelmente distintos da figura do Vampiro, Maciel afirmou que “as pessoas não faziam ideia da cara de Dalton, baseavam-se apenas na combinação camisa, boné e tênis Mizuno — inclusive o dono da quiberia, que vivia sentando na minha mesa como se fôssemos íntimos”.

O prefeito Rafael Greca, em uma *live* no Instagram, disse que lamenta saber da morte de Dalton Trevisan e afirmou sua intenção de tombar a casa como patrimônio cultural de Curitiba. Greca contou ter ido visitá-la após todo o incidente e a considerou “uma graça”, parabenizando o cuidado e capricho de Moacir Maciel com o jardim e o interior da residência. “Uma pena ele estar preso, senão o colocaria como caseiro, para manter tudo em ordem”, brincou o prefeito. ■



Wemerson Felipe Gomes

O que é um fim?  
 Um fim é um momento à toa  
     — cercado de ingênua  
     perplexidade —

em que  
 se vê  
 se sente  
 se pré-sente  
 o  
 fulcro  
 de um mundo imaginário  
 construído lentamente a dois  
 se esfarelar em  
 centenas de  
 milhares de  
 fragmentos de  
 memória

Memória:  
 migalhas que se prendem à vida  
 fazendo do fim  
 uma perpétua  
 lembrança  
 da fragilidade  
 do instante

Instante:  
 átimo que se fecha  
 na contingência de um tempo-denso:  
 puro começo  
 pura presença

pura abstração

II.  
 Um fim é um momento à toa  
 que se estende por  
 longos dias  
 de sol  
 de chuva  
 de sonhos  
 e tormentos  
 O fim é  
 o som  
 o cheiro  
 a briga  
 a brisa  
 o brinco  
 o ar  
 que  
 não  
 acaba  
 de  
 acabar

III.  
 Um fim é um momento à toa  
 que insiste em invocar  
 a cada passo a  
 impossibilidade  
 de voltar  
 atrás

## F. Scott Fitzgerald

*Tradução de Donaldson M. Garschagen*

Bêbado aos vinte, devastado aos trinta, morto aos quarenta.  
Bêbado aos vinte um, humano aos trinta, suave aos  
quarenta e um, morto aos cinquenta e um.  
Depois bebi durante muitos anos, e aí morri.



## TESTAMOS O GOL BOLA 1994!

O **Jornal RelevO** conseguiu a colaboração exclusiva de Vina Spolzino, promessa do automobilismo nacional. Filho de um grande exportador mundial de manganês e adepto do modo de vida low profile, low carb e blowjob, o paulistano Vina (23) topou escrever uma resenha sobre o Gol Bola 1994, mesmo vivendo "uma puta correria entre dois intercâmbios". Diretamente do Clube Pinheiros, Vina Spolzino.

23

**MOTOR:** É o Diabo. De verdade, mano. Não sou religioso, mas sou muito espiritual. Pra mim, Deus tá em tudo, tudo mesmo. Menos naquele motor.

**BANCOS:** Adoro. Nosso crédito no Itaú é literalmente infinito. Ah, do carro? Meu avô me ensinou desde cedo: "se cabe uma orgia, vale a euforia". E vou te falar: o Golzinho ontem parecia a Vila Olímpica! Daora demais.

**FREIOS:** Se a melhor defesa é o ataque, o melhor freio é o pedal de aceleração. Em outras palavras, não testei. Não preciso que nada me pare na vida.



**BATERIA:** Melhor do que o ensaio com a bateria da Mangueira, bicho. O Rio nessa época é demais, né? De resto, prefiro Sampa. Só não dá pra deixar mais de três dias sem funcionar. A bateria do carro, no caso. Já contei de quando cheirei pó no colo da Luma Oliveira? Melhor festa de 15 anos.

**ACESSÓRIOS:** O Wellington, meu amigo mais, digamos, humilde, curtiu. Eu achei que peca. Podia vir com airbag ou com GPS ou com um time de Red Bull. Gostei muito do banco traseiro, que pode ser ejetado por falta de parafuso. Também podia ter o mesmo o pack de Red Bull do camarote da XXXperience. Aquele negócio que a gente usa pra guardar a droga, que eu não lembro o nome, é bem espaçoso também. Wellington! Como se chama isso lá em Paraisópolis?

**CAPÔ:** Gosto de capô, se é que me entende. Mas melhor não escrever isso porque não quero levar um gelo no Twitter – a patrulha é grande e a caravana não passa. Aliás, é Antártida ou Antártica? Tô meio acelerado. Acabei de chegar de um after. Tua boca também tá amortecida?

**DESIGN:** Mais pra inteligente do que pra desinteligente, embora eu evite a palavra desinteligente porque, quando a gente joga tênis, não quer usar palavras difíceis. Assim, vou dizer que não chama atenção? Seria um exagero dizer que se destaca. Por outro lado, quando tentei entrar no meu condomínio do Morumbi com o Gol, minha mãe chamou a Polícia. Vejo o lado positivo de tudo, sabe?

**RÁDIO:** Como piloto semiprofissional há quase uma década, conheço muito bem o poder motivacional da música. Não vou mentir que senti falta de uma conexão bluetooth; e de uma entrada para pen drive; e de uma entrada para cabo auxiliar; e de caixas auxiliares para que o som não parecesse saído de um túmulo. Quem usa CD em pleno 2020, né? Oldschool demais pra mim.

**CONFORTO:** Por que tem uma criança dormindo no meu porta-malas? Ufa, é um anão. Acorda, Tobias! O Tobias é doidaço; cena rara ver ele dormindo no rolê, meu. Garantia de que espaço não falta: aprovado!

**COMENTÁRIO GERAL:** Curti o rolê. Ideal para mostrar o Itaim Bibi pra quem não conhece. Nada contra, mas achei o cheiro esquisito. Acredito que valha o preço. Quanto pode custar um Gol 94, uns 110 mil? Não sei, tô por fora. Sei que fiz muita moral com o Xandinho Negrão – ele achou que eu tava em um racha beneficente. Racha: eu, hein.



## ESTE CARRO NÃO FAZ SEU MEMBRO CRESCER

Mas pensando bem, o que faz? Por isso, gaste o que não pode; beije quem você não quer; coma o que te faz mal; raspe as sobrancelhas; passe pó branco no rosto; vista um roupão; carregue uma arma branca; invada uma escola particular de educação básica; ligue uma caixa de som portátil JBL; dance nu; repita "eu sou a reencarnação daqueles que ainda não morreram"; vire os olhos, deixando apenas a esclera visível; acaricie o cabelo de uma criança assustada; sussurre "vai ficar tudo bem"; deixe um bolo de chocolate na sala; corra. Corra com este carro.